

**UNIVERSIDADE DE UBERABA – UNIUBE**

**ALICE FELICIANO ALMEIDA SILVA**

**GABRIEL LUIZ SANTOS PITTA**

**JOÃO VITOR GOMES ALVES**

**LUÍS FERNANDO SOUZA LIMA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**HOMOFOBIA NAS TELAS: UMA ANÁLISE DO FILME “THE BOYS IN THE  
BAND”**

**UBERABA – MG**

**2022**

**ALICE FELICIANO ALMEIDA SILVA  
GABRIEL LUIZ SANTOS PITTA  
JOÃO VITOR GOMES ALVES  
LUÍS FERNANDO SOUZA LIMA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
HOMOFOBIA NAS TELAS: UMA ANÁLISE DO FILME “THE BOYS IN THE  
BAND”**

Trabalho apresentado ao Curso de Psicologia da  
Universidade de Uberaba como parte das  
exigências à conclusão para obtenção do Grau  
de Psicólogo.

Orientador: Arthur Afonso Silva e Sousa

**UBERABA – MG**

**2022**

# HOMOFOBIA NAS TELAS: UMA ANÁLISE DO FILME “THE BOYS IN THE BAND”

*Alunos: Alice Feliciano Almeida Silva*

[alicefelicianoas@gmail.com](mailto:alicefelicianoas@gmail.com)

*Gabriel Luiz Santos Pitta*

[gabriell.santos@hotmail.com](mailto:gabriell.santos@hotmail.com)

*João Vitor Gomes Alves*

[jvitorgoal@gmail.com](mailto:jvitorgoal@gmail.com)

*Luís Fernando Souza Lima*

[lui\\_fernando08@hotmail.com](mailto:lui_fernando08@hotmail.com)

*Orientador: Arthur Afonso Silva Sousa*

[arthur.sousa@uniube.br](mailto:arthur.sousa@uniube.br)

## **RESUMO:**

As obras cinematográficas podem ser compreendidas como uma representação da percepção e experiência humana, um artefato da cultura que permite o surgimento de uma relação dialética entre as influências que sofre e produz na realidade. Devido a relevância e impacto social que tais conteúdos geram, especialmente pensando nas plataformas de Streaming, este estudo busca elucidar aspectos do sofrimento vivido por homens gays, em uma sociedade considerada estruturalmente homofóbica, por meio da análise do filme “The Boys in The Band” (2020), disponível na Netflix. Para tanto, foram escolhidos trechos da dramaturgia os quais foram interpretados a partir de teóricos como Foucault (1985), Butler (2014), Meyer (1995, 2003, 2010), Goffman (1963) e Alport (1958). Dentre as principais contribuições do artigo, destacamos a percepção do sofrimento de homens gays a partir de seu status de minoria, bem como todo o processo em cadeia que pode ser designado por esse status, através do uso do método de análise de conteúdo como instrumento de análise das temáticas dispostas na película.

## **ABSTRACT:**

Cinematographic works can be understood as a representation of human perception and experience, an artifact of culture that allows the emergence of a dialectical relationship between the influences it suffers and produces in reality. Due to the relevance and social impact that such content generates, especially thinking about Streaming platforms, this study seeks to elucidate aspects of the suffering experienced by gay men, in a society considered structurally homophobic, through the analysis of the film “The Boys in The Band” (2020), available on Netflix. For that, excerpts from the drama were chosen, which were interpreted from theorists such as Foucault (1985), Butler (2014), Meyer (1995, 2003, 2010), Goffman (1963) and Alport (1958). Among the main contributions of the article, we highlight the perception of the suffering of gay men from their minority status, as well as the entire chain process that can be designated by this status, through the use of the content analysis method as an instrument of analysis of the themes displayed in the film.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homofobia; Estresse de minoria; Streaming;

## **INTRODUÇÃO**

O caminho que as identidades homoafetivas percorreram na história da sociedade é longo e não linear, carregando consigo uma série de avanços e retrocessos nas concepções e no lugar que o sujeito não-heterossexual ocupa. Em seus estudos sobre gênero, Judith Butler (2014) retrata as noções normativas e naturalizadas que existem nas produções de masculino e feminino, a partir do próprio conceito de gênero, em uma perspectiva de não-binariedade. Desta forma, um novo paradigma pode ser observado em relação a maneira exclusiva que, até então, insistia na lógica binária como uma operação reguladora de poder que naturaliza a instância hegemônica e exclui a possibilidade de pensar em sua dissolução. Barcellos (2018) diz que a sociedade produziu uma correlação entre gênero, sexo e sexualidade. Portanto, gênero refere-se à personalidade que o indivíduo externaliza; sexo, é biológico; e a sexualidade remonta aos desejos e ao erotismo. Tais termos foram afunilados ao conceito de sexo.

Para Borrillo (2000), tudo aquilo que se manifesta diferente gera hostilidade, não só para gays e lésbicas, mas também para qualquer indivíduo que não consiga se adaptar aos papéis pressupostos e determinados pelo sexo biológico. O autor pontua que a lógica binária que estrutura a construção da identidade sexual funciona como antagonismo, sendo assim, o homem é oposto da mulher, logo, heterossexual se opõe ao homossexual e sendo assim, em uma sociedade ocidental androcêntrica, ou seja, que está intimamente ligada ao patriarcado, aprecia-se valores que estejam intimamente relacionados ao masculino e ir contra eles pode gerar as mais severas condenações. Foucault (1985) escreve que até o século XVIII houve uma predominância de controle do comportamento sexual, colocando a mulher como histérica, a criança como um ser sem sexualidade, as transidentidades tratadas como enfermidades e o sexo masculino enaltecido em seu vigor e em suas capacidades.

A homossexualidade faz parte do que podemos chamar de minoria social. Dentro de uma análise social, ao se falar em minorias, depreende-se que, de maneira implícita ou explícita, ou seja, estruturalmente ou exponencialmente, há uma maioria exercendo uma dominação na dinâmica social daquele recorte da sociedade (Skinta & Curtis, 2016). Essa dominação é dita por Foucault (1985) como relação de poder. Sendo assim, para esse filósofo francês, aqueles que no âmbito de suas especificidades não satisfazem o poder dominante – econômico, político ou comportamental – sofrem os prejuízos do rechaço social tornando-se minorias ou grupos em situações de vulnerabilidade. Em suma, as relações de poder e/ou de biopoder são compreendidas por Foucault como “as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais” (Foucault, 1985, p. 88-89).

O poder para se consubstanciar de maneira mais sólida ao seu propósito precisa estar relacionado a uma norma. Pouco importa se essa norma é tácita ou expressa, entretanto, a validade dessa norma é sugestionada por variantes de determinada cultura ou sociedade. Quando opera com um princípio normalizador da prática social, normalmente permanecem implícitas, difíceis de perceber e mais claras e discerníveis no efeito que produzem (Butler, 2014). A heteronormatividade, por exemplo, foi e ainda é uma importante ferramenta de biopoder e de regulação dos corpos.

A homofobia é um termo, segundo o dicionário Oxford Languages (2017), designado para caracterizar a rejeição ou aversão a homossexuais e à

homossexualidade. O termo homofobia foi introduzido pela primeira vez por George Weinberg em 1972, quando publicou o livro “Society and the healthy homosexual” (“A sociedade e o homossexual saudável”). Após isso, foi amplamente adotado por ativistas e incorporado pela Academia, especialmente dentro de estudos do preconceito (Young-Bruehl, 1996). Então, o termo ficou conhecido por movimentos sociais, e, até hoje, ele é compreendido por um preconceito contra orientações que fogem do dito heterossexual, ou seja, como uma atitude contra um grupo ou seus membros, que cria ou mantém uma relação hierárquica de status (Dovidio, Hewstone, Glick & Esses, 2010).

Para compreender melhor a caracterização desse fenômeno social, pode-se partir das pesquisas de dois sociólogos importantes: Goffmann e Allport, e seus estudos sobre estigma e preconceito. Em suas pesquisas, estigma e preconceito são conceitos complexos, que abrangem a experiência individual, a interação entre grupos marginalizados e não-marginalizados, as relações de poder, construções históricas, práticas comunitárias e políticas públicas. Goffman (1963), define estigma como um atributo que liga uma pessoa a um estereótipo indesejado, levando outras pessoas a reduzirem sua integridade e normalidade a algo contaminado e incompleto. Já Allport (1958), define preconceito como uma atitude hostil ou aversiva em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente por pertencer àquele grupo, e, portanto, presume-se ter qualidades condenáveis associadas ao grupo.

Estudos dirigidos pelo Psiquiatra Ilan Meyer em sua teoria do Estresse de Minoria (EM), sugerem que indivíduos que fazem parte de minorias sociais estão sujeitos a estressores específicos da sua condição de minoria, que se somam aos estressores cotidianos e independem da sua condição de minoria (Meyer, 2003). Meyer (2003) desenvolveu seus estudos a partir da constatação de uma epidemia em saúde mental em populações LGB, envolvendo situações ligadas, por exemplo, ao suicídio, uso abusivo de drogas, transtornos depressivos e ansiosos, dentre outros. Ele buscou sistematizar e explicar de que modo as condições específicas vividas por essas populações poderiam afetar em desfechos positivos ou negativos em saúde mental.

Na Teoria do EM com população LGB são descritos três tipos de estressores: experiências de vitimização, caracterizadas por movimentos violentos, preconceituosos e excludentes direcionados a pessoas de orientação homossexual; homofobia internalizada, referente a introjeção de aspectos homofóbicos pelo próprio

homossexual; e ocultação da orientação sexual, que representa toda tentativa de ocultar a orientação sexual de si ou de outros (MEYER, 2003). Ao falar de estressores minoritários em população LGB, o autor explicita as experiências de vitimização e estigma que compõe a formação de identidade em pessoas de orientação homoafetiva, gerando processos como homofobia internalizada, desenvolvimento de estado de alerta em favor da expectativa de rejeição e ocultação da sexualidade, o que pode implicar em resultados de sofrimento social e desfechos negativos em saúde mental (Meyer, 2003).

Para melhor ilustrar os temas abordados neste estudo, utilizar-se-á recursos ligados a arte e a produção cinematográfica como veículo das informações apresentadas, tendo em vista que estes representam importantes recursos na transformação cultural contemporânea e retratam questões inerentes a realidade, levando a reflexões, criação de possibilidades e abrindo diálogo com diferentes públicos. O material escolhido para análise se trata do filme “The Boys In The Band”, dirigido por Joe Mantello. O filme é uma adaptação da peça homônima, de 1968, escrita por Mart Crowley e foi repensada para a era dos Streams, estreando na Netflix em 2020.

## **MÉTODO**

Optou-se pela modalidade de pesquisa de cunho qualitativa por ser aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas (BARDIN, 1977). Assim, a abordagem qualitativa aplica-se ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os seres humanos fazem de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (TURATO et al, 2008).

Ademais, o método de Análise de Conteúdo foi utilizado por ser aquele que, segundo Bardin (2007), constitui-se de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Desta forma, a técnica é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos.

Segundo Oliveira (2008) a análise de conteúdo possui diferentes técnicas que podem ser abordadas pelos pesquisadores, dependendo da vertente teórica seguida pelo sujeito que a aplicará. Assim podem ser sintetizadas várias técnicas, dentre elas análise temática. Nessa perspectiva, o filme “The Boys In The Band” (Netflix, 2020), foi assistido pela primeira vez de maneira “flutuante” a fim de que sua mensagem fosse consolidada para que, num segundo momento, com uma nova visualização, se pudesse retirar fragmentos onde os personagens expressassem os conflitos inerentes a sexualidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Os resultados serão apresentados em duas seções. A primeira diz respeito a um resumo do filme abordado, destacando seu enredo e tramas principais. A segunda seção se subdividirá em três categorias temáticas que visam colocar em evidência a discussão proposta pelos autores. A primeira temática se valerá em discutir as relações de poder a qual o homem gay está inserido, bem como aspectos que relacionam minorias sexuais e homofobia; em seguida, o segundo tópico abordará o estresse de minoria e possíveis desfechos de sofrimento ao homem gay; por fim, o último ponto ficará encarregado de evidenciar os fatores de risco e proteção ao estresse de minoria como proposta de como acolher, elaborar e dirimir o sofrimento dessa população.

### **O filme “The boys in the Band”:**

Joe Mantello (2020) é o responsável pela peça cinematográfica “The Boys In The Band”, obra que aborda a temática da homossexualidade. Michael (Jim Parsons) é um homossexual que resolve dar uma festa de aniversário para seu amigo gay Harold (Zachary Quinto), em seu apartamento no Upper East Side juntamente com mais sete amigos. Durante a festa, Michael recebe a ligação de um antigo colega de faculdade, Alan (Brian Hutchison), casado, e que Michel suspeita que é gay “não assumido”. No telefonema, Alan pede para que o amigo o receba naquele momento, em busca de conselhos. Alan chega à casa de Michael mesmo não tendo sido convidado para festa. Com a presença inesperada, o anfitrião pede para que todos os amigos disfarcem características que denunciem sua homossexualidade, uma vez

que o amigo hetero não sabia a real sexualidade de Michael. Dessa forma, alguns empenham-se para demonstrar a falsa pose de homem tradicional, mas as coisas acabam saindo do eixo quando o aniversariante, Harold, chega. O contexto formado no apartamento de Michael se torna palco para conflitos, trazendo à tona verdades e sentimentos escondidos (Adoro Cinema, 2020).

### **A compreensão de problemáticas da homofobia nas mídias atuais: uma análise teórica do filme “The Boys in The Band”**

O filme em questão foi assistido diversas vezes, tanto em sua versão dublada quanto legendada, e as cenas consideradas mais significativas foram anotadas e dispostas em um diário de campo contendo o tempo de filme e a descrição da cena, das personagens e das falas, buscando conexões e divergências entre o material cinematográfico e os referenciais teóricos abordados neste estudo.

- **As Relações de poder e homofobia**

Uma das características apreciáveis na análise do poder de Foucault é o importante deslocamento da ideia de poder como algo que monopolizado pelo Estado, para um poder que é baseado nas relações sociais através de uma rede de “micro-poderes”. Ou seja, trata-se de analisar o poder partindo não do centro (que é entendido como o Estado), mas das periferias. Pois é analisando as relações de poder nos níveis periféricos da sociedade que se pode ter uma melhor noção de como ele torna-se onipresente em todas as estruturas sociais. A frase enunciada por Donald: “Minha compulsão neurótica em não ser bem-sucedido” (1:51:20) elucida bem o quanto o poder é corrosivo no desenvolvimento da personalidade do homem gay. A heteronormatividade repudia o diferente e faz com que o adoecimento desse indivíduo se torne progressivo. Ser membro de uma sociedade com essa característica transforma em imperativo vir a ser, inclusive, um resultado esperado dessa diferenciação. Ou seja, tornar-se um fracasso, um dissabor, um algoz de si mesmo.

Em relação ao aparecimento de aspectos ligados a estigma e a homofobia presentes na narrativa, o personagem principal, Michael, vai celebrar o aniversário de Harold dando uma festa. O antigo colega de faculdade, Allan, o surpreende com um telefonema aflito, perguntando se poderia encontrá-lo. Há então o convite para passar

em seu apartamento, antes da festa com seus amigos homossexuais, omitindo previamente essa informação por ter medo da reação de seu antigo colega. Desta forma, Valdiserri (2018) afirma que é possível compreender que muito desse estigma se deve, em boa parte, a um estigma social que está atrelado às orientações não-heterossexuais, e não à orientação não-heterossexual em si. Tal distinção é relativamente recente, visto que por muito tempo uma visão patologizante estava atrelada à homossexualidade, antes categorizada pelas ciências médicas como “homossexualismo” (o sufixo “ismo” atribui a conotação de condição patológica) (TONIETTE, 2005).

- **Estresse de Minoria e desfechos de sofrimento em gays:**

No filme de 2020, é possível acompanhar o relato dos amigos acerca de suas trajetórias enquanto gays. Em diversos momentos é possível identificar os estressores descritos por Meyer (2003), bem como fazendo uma correlação com seus possíveis impactos na vida das personagens.

Na primeira parte da narrativa, em 13:42, Bernard está no metrô e admira um homem que acha atraente, mas logo é interrompido pelo olhar de reprovação de uma senhora; no mesmo momento ele corrige sua postura, indicando o estado de alerta em ser percebido como homossexual. Aqui é possível identificar o estressor que corresponde aos *processos de vitimização*. Outro momento, em que a *vitimização* é mais clara e violenta, acontece quando Emory, incomodado com a postura do amigo hétero de Michael, faz provocações a Allan confundindo os pronomes de sua esposa por “Ele/dele”; Allan se irrita e parte para cima de Emory, despendendo socos e chamando-o de “veado” e “maldita aberração” (41:03).

Tais processos de violência podem gerar enorme sofrimento, uma vez que advém dos mais variados contextos, como família, escola, amigos, ambiente profissional e desconhecidos, ocorrendo tanto de forma física, verbal, manifesta ou velada (BORRILLO, 2000), assim como pode estar associado com desenvolvimento de sintomas ligados a ansiedade e depressão (BIRKETT, ESPELAGE, & KOENIG, 2009).

Ao analisar o protagonista Michael, é possível identificá-lo como um personagem chave para a compreensão de aspectos relativos ao estresse de minoria.

O autor do filme oferta pistas sutis sobre a percepção oculta que possui acerca da homossexualidade, dispostas em seus comportamentos vacilantes que tentam mascarar piadas e comentários depreciativos direcionados aos amigos gays. Tudo fica mais claro na cena em que, após fazerem o “jogo das ligações”, Michael se direciona para Emory (personagem com característica afeminada e distintivamente gays) e diz “por que iriam querer transar com um maldito maricas como você? [...] Quem flertaria com você? Eu te digo: ninguém.” (1:27:38) Pouco antes desta cena, o aniversariante, Harold, que parecia prever onde Michael estava chegando com seu comportamento volátil, diz: “a culpa vira hostilidade” (1:26:02), referindo-se ao momento catártico de confissões sobre o processo de se descobrir gay.

Nas cenas finais é possível observar a redenção de Michael ao se perceber enganado sobre Allan, olhando para si no espelho e percebendo o quanto ele mesmo se tornara aquilo que mais o fazia sofrer: um reprodutor da homofobia e do preconceito. Ele diz: “se ao menos pudéssemos não nos odiar tanto” (1:47:30), enquanto chora nos braços de Donald. O estressor que se refere as cenas retratadas corresponde a *homofobia internalizada* (HI) e pode ser compreendido pelo constante conflito entre ser gay e o desejo de não ser, fazendo com que os indivíduos reconheçam a atração por pessoas do mesmo sexo, mas acabem vivenciando sentimentos negativos e repressivos a tais manifestações (DUNN, GONZALEZ, COSTA, NARDI & IANTAFFI, 2013). De acordo com Frost e Meyer (2009), através do processo de desenvolvimento e elaboração da identidade LGB, o indivíduo tende a experienciar e superar a HI, porém nem sempre essa elaboração é possível, podendo ocasionar grandes conflitos de identidade e autoconhecimento, como os apresentados por Michael.

Na trama, a maioria das personagens relata acontecimentos e situações em que estiveram “dentro do armário”, porém, Hank é o personagem que melhor retrata essa ideia. Ele é o único dos sete amigos que recebe o amigo hétero, Allan, de bom grado demonstrando grande facilidade em gerar identificação com ele. Em determinado momento conta a Allan que está em processo de divórcio com a ex-mulher e refere-se a Larry, seu amante, como seu “colega de quarto” (33:35). Seu apogeu no filme ocorre na cena do “jogo das ligações” (1:23:55), em que se vê frente a escolha de continuar ocultando sua sexualidade e cultivando o desprezo de Larry ou de assumir sua sexualidade perante Allan, que o chama para ir embora daquele lugar.

Michael, em uma demonstração lancinante de seu incômodo, toma frente da situação e diz a Allan que Hank e Larry são amantes; Hank confirma, explicando que aquele é o motivo de não poder ir embora. Allan o questiona e se diz enjoado. Por fim, Hank explica que ninguém havia tentado fugir e esconder a sexualidade mais que ele, mas que nunca havia conseguido (1:25:48). Segundo Pachankis e Safren (2019), o fator de ocultação da sexualidade está ligado diretamente às expectativas de rejeição e ao estado de alerta gerado por elas, sendo um aspecto importante na formação de estresse em pessoas LGB e de favorecimento na aparição de quadros depressivos e ansiosos. A constante postura autofocada a fim de esconder características que denunciem aos outros a sua sexualidade, acaba por ser uma atitude que demanda grande atenção e energia, impossibilitando o indivíduo de posicionar-se livremente (PACHANKIS & SAFREN, 2019).

- **Fatores de risco e proteção ao estresse de minoria:**

Em várias cenas do filme é possível observar comportamentos reprimidos, como na fala de Donald, ao referir-se sobre o mecanismo que desenvolveu para sentir-se amado por sua mãe: “O fracasso é a única coisa que me faz sentir confortável, porque foi o que me ensinaram em casa” (1h50m59s). A obra “The Boys in the Band” mostra aos espectadores os comportamentos internalizados nos personagens, ao passo que, em diversos momentos, é possível identificar que o grupo de amigos gays depreciam uns aos outros, não se aceitam e, em muitas medidas, não gostam de ser quem realmente são. Na maioria das vezes, esse fato ocorre por conta de todos os aspectos ligados ao estigma e preconceito que as pessoas assimilam sobre a homossexualidade. (LIVINGSTON, OOST, HECK & COCHRAN, 2015).

De fato, os índices de sofrimento psicológico das minorias sempre foram mais altos quando se comparado aos heterossexuais. Para Friedman (1999), essa diferença sempre foi abordada e atribuída pelo diferente estilo de vida e ao ambiente social em que eles frequentam. Os desfechos desse adoecimento estão ligados às práticas culturais estabelecidos pela sociedade, em que até mesmo os próprios integrantes de grupos minoritários reproduzem comportamentos punitivos em relação às expectativas de gênero e sexualidade. Desta forma, ao se pensar nos fatores de risco e proteção, é preciso levar em consideração que a dimensão social é base

fundamental e determinante dos possíveis desfechos contemplados por essas populações. (BLAIS; GERVAIS & HÉBERT, 2014).

Um ponto que chama a atenção na cinematografia é a ausência de identificação das personagens enquanto comunidade LGBT. Apesar deste ser um retrato preciso da época em questão e um reconhecido fator de pertencimento a indivíduos LGB, os amigos conseguiram desenvolver um senso de comunidade enquanto rede de apoio um dos outros. As relações interpessoais e a sociabilidade dos indivíduos representam um fator de grande importância e proteção nos coeficientes de sofrimento psíquico (GOLDFRIED, 2001; JADWIM-CAKMAK, PINGEL HARPER & BAUERMEISTER, 2012). Nesse contexto, as relações familiares, sejam as de laço consanguíneo ou as de escolha, também podem exercer um papel significativo frente a experiências de vitimização, podendo contribuir no processo de individuação das identidades homoafetivas, uma vez que a boa relação familiar com aceitação da sexualidade colabora para melhores níveis de autoestima e suporte social (GOLDFRIED, 2001; JADWIM-CAKMAK, PINGEL HARPER & BAUERMEISTER, 2012). A cumplicidade que une aquele grupo de amigos, está intimamente relacionada à identificação da experiência da homossexualidade, em que cada indivíduo luta com os seus próprios demônios, mas também consegue ocupar um lugar de proteção e cuidado para com os outros.

## **CONCLUSÃO:**

Ainda que em “The Boys in the Band” a temática do sofrimento gay, no final dos anos 60, seja abordada de forma leve e divertida, nos tempos atuais permanece presente a maneira como a sociedade lida com seus pares que não corroboram com o sistema normativo imposto, perpetuando pensamentos e ações que atuam como reguladores da postura social, desde a explícita segregação dos indivíduos até aspectos mais sutis e silenciosos que corroboram para o surgimento de adoecimentos mentais em populações LGB. Essas forças de poder transgeracional atuam sobre os corpos buscando ordenar aquele que é considerado “desviado”. Desta maneira, populações vitimizadas acabam tendo sua subjetividade destituída através de sua própria condição de existência.

A psicologia, aliada a sociologia e a antropologia, contam substancialmente com materiais que ajudam a identificar e descrever processos de vulnerabilidade que

corpos gays estão expostos. O pensamento binário e heteronormativo são carnífcies da lógica androcêntrica, que agride, adoce e contribui para a homeostase das relações de opressão. Os desafios enfrentados por indivíduos que carregam algum status de minoria são permeados por situações de violência que, desde a mais tenra idade, produzem níveis de estresse maiores que indivíduos comuns, assim como estratégias de enfrentamento desadaptativas e expectativas negativas voltadas a própria alteridade.

Neste estudo, explorou-se modelos ligados a teorias sociais, do estresse e estudos sobre gênero e sexualidade, buscando interpelar as diferentes perspectivas em um ponto convergente. Para tal, foi escolhido o filme “The Boys in The Band” como veículo de compreensão das ideias expostas. Desta forma, abordamos em nosso trabalho o estresse de minoria, a saúde mental e sofrimento em pessoas pertencentes a grupos minoritários e alguns fatores de risco e proteção aos estressores. Sabemos que o modelo de estresse de minoria é caracterizado como o resultado do conflito entre o indivíduo e a sua experiência em sociedade, vivendo em um meio que o estigmatiza. Por fim, este estudo tem o intuito de contribuir e apontar alguns efeitos ligados ao estresse de minoria e ao estigma associado as identidades homoafetivas, incluindo homonegatividade internalizada, ocultação da sexualidade e experiências de estigma (MEYER, 2010).

## **REFERÊNCIAS:**

ADORO CINEMA (2020). **The boys in the band: Sinopses e Detalhes**. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-273577/>. Acesso em: 14 de set. 2022.

ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Garden City: Doubleday, 1958.

BARCELLOS, L.V. **Biopoder, gênero e sexualidade: breve considerações sob a perspectiva de Michel Foucault**. Ijuí: Congresso Biopolítica e Direitos Humanos, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BIRKETT, M; ESPELAGE, D. L; KOENIG, B. **LGB and questioning students in schools: The moderating effects of homophobic bullying and school climate on negative outcomes.** Champaign: *Journal of Youth and Adolescence*, 2009.

BLAIS, M; GERVAIS, J; HÉBERT M. **Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities.** Quebec: *Ciência & Saúde Coletiva*, 2014.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia- História e Crítica de um Preconceito.** Tradução de G. J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

BRÄNSTRÖM, R., HATZENBUEHLER, M. L., & PACHANKIS, J. E. **Sexual orientation disparities in physical health: Age and gender effects in a population-based study.** ed. 51, p. 289-301. Nova York: *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 2016.

BUTLER, J. **Gender Regulations.** p. 250-274. *Undoing Gender.* Nova York: Routledge, 2014.

COSTA, A; BANDEIRA, D; e NARDI, H. **Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento.** v. 32, n. 2. Campinas: *Estudos de Psicologia*, 2015,

D'AUGELLI, A.R. **Mental health among lesbian, gay, and bisexual youth ages 14 to 21.** Chicago: *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 2022.

DOVIDIO, J., HEWSTONE, M., GILCK, P., & ESSES, V. **The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination.** London: SAGE, 2010.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. *The Subject and Power.* (ed.). Michel Foucault. **Beyond Structuralism and Hermeneutics.** Chicago: University of Chicago Press, 1982.

DUNN, T. L; GONZALEZ, C. A; COSTA, A. B; NARDI, H. C; IANTAFFI, A. **Does the minority stress model generalize to a non-US sample? An examination of minority stress and resilience on depressive symptomatology among sexual minority men in two urban areas of Brazil.** Minneapolis: *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, K. I. **The physical and mental health of lesbian, gay male, and bisexual (LGB) older adults: The role of key health indicators and risk and protective factors.** Nova York: *The Gerontologist*, 2013.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII.

FRIEDMAN, R.C. **Homosexuality, Psychopathology, and Suicidality**. Archives of General Psychiatry, 1999.

FROST, D. M; MEYER, I. H. **Internalized homophobia and relationship quality among lesbians, gay men, and bisexuals**. Nova York: *Journal of Counseling Psychology*, 2009.

GOFFMAN, E. **Stigma: notes on the management of spoiled identity**. Nova York: Simon and Schuster, 1963.

GOLDFRIED, M. R; GOLDFRIED, A.P. **The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals**. Nova York: Psychotherapy in Practice, 2001. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11304707>> Acesso em 11 de set. 2022.

HEBERLE, V. M; OSTERMANN, A. C; FIGUEIREDO, D. C. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

LIVINGSTON, N.A; OOST, K.M; HECK, N.C; COCHRAN B.N. **The role of personality in predicting drug and alcohol use among sexual minorities**. Psychology of Addictive Behaviors. Milwaukee: Marquette University, 2014.

LOURO. G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEYER, I. H. **Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence**. Psychological bulletin, vol. 129, n. 5, p. 674-697. Nova York: Columbia University, 2003.

MEYER, I.H. **Minority Stress and Mental Health in Gay Men**. *Journal of Health and Social Behavior*. Nova York: Columbia University, 1995. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7738327>. Acesso em 11 de set. 2022.

MEYER, I. H. **Identity, stress, and resilience in lesbians, gay men, and bisexuals of color**. *The Counseling Psychologist*. Nova York: Columbia University, 2010.

NOGUEIRA, C. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, A. S; KNÖNER, S. F. **A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB, 2005.

OLIVEIRA, D.C., **Análise de Conteúdo Temático Categorial: Uma proposta de sistematização**. Rev. Enferm. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. **A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais**. Rev. SPAGESP, v. 21, n. 2, p. 41-54. Ribeirão Preto: 2020. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 set. 2022.

PLUMMER, K. **Male sexualities**. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. **Handbook of studies on men & masculinities**. Thousand Oaks: Sage Pub, 2005.

SANTOS, E; AZEVEDO, H; RAMOS, M. **Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários**. *Revista de Psicologia da IMED*. vol. 12, n. 2. Passo Fundo: 2020.

SIMPSON, J. (ed.). **Oxford English Dictionary**, 2017.

SKINTA, M. & CURTIS, A. **Mindfulness and acceptance for gender and sexual minorities: A clinician's guide to fostering compassion, connection, and equality using contextual strategies**. Oakland: New Harbinger Publications, 2016.

SOUZA, E. M; PEREIRA, S. J. N. **(Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais**. *Revista de Administração Mackenzie (RAM)*, v. 14, n. 4, p. 76-105. São Paulo: Mackenzie, 2013.

TONIETTE, M. **Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade**. *Revista brasileira de sexualidade humana*. Porto Alegre: 2005.

TURATO, E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa**. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n.3, p. 507-514. São Paulo: 2005.

YOUNG-BRUEHL, E. **The anatomy of prejudices**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.